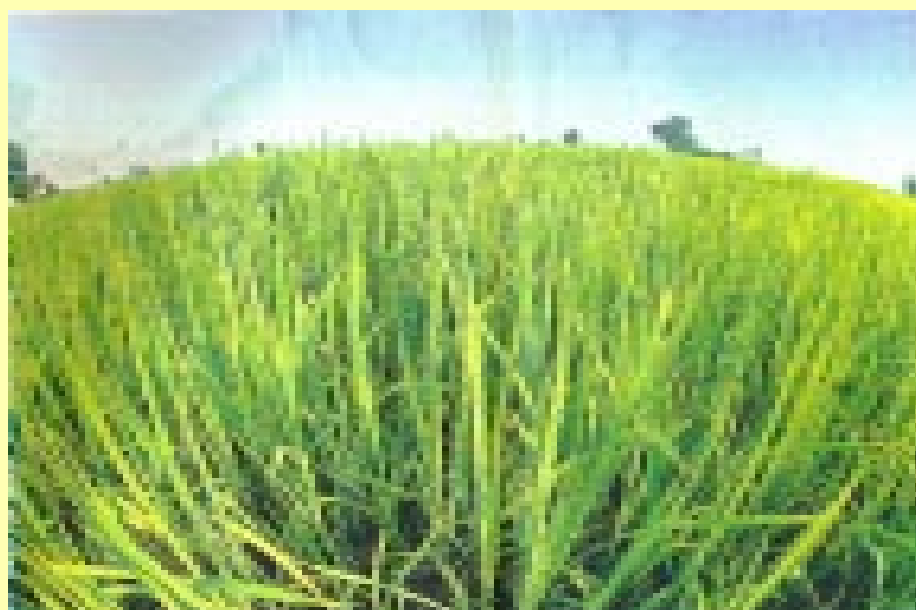


# O ARROZ



Boletim da Associação Nacional dos Industriais de Arroz  
**ANIA**



ANO IV - N.º 9 - Abril/Maio/Junho de 1999

## Importações e Exportações Portuguesas de Arroz Janeiro a Junho de 1999

Arroz	Importações/Entradas			Arroz	Exportações/Saídas		
	Quantidades	Valor	Import.		Quantidades	Valor	Export.
Países	(toneladas)	(contos)	ESC/KG	Países	(toneladas)	(contos)	ESC/KG
1. Guiana	17.993,941	1.204.436,803	67\$	1. Holanda	2.557,610	168.897,727	66\$
2. França	12.829,376	901.453,296	70\$	2. Reino Unido	1.349,953	88.037,028	65\$
3. Espanha	11.498,064	958.879,186	83\$	3. Bélgica	449,294	32.469,074	72\$
4. Itália	5.700,308	546.647,098	96\$	4. Espanha	225,046	11.192,590	50\$
5. A. Holandesas	2.663,148	236.701,156	89\$	5. Angola	88,610	14.019,967	158\$
6. Suriname	1.970,286	143.322,256	73\$	6. França	19,070	2.982,820	156\$
7. Holanda	1.501,702	145.488,211	97\$	7. Luxemburgo	13,390	2.471,373	185\$
8. Uruguai	249,326	23.907,400	96\$	8. Alemanha	10,544	1.982,310	188\$
9. Bélgica	67,677	17.945,168	265\$	9. Nicarágua	10,000	1.000,000	100\$
10. Reino Unido	28,241	12.163,377	431\$	10. PT ND PT	6,781	1.140,775	168\$
11. Alemanha	21,750	4.327,570	199\$	11. Suíça	5,500	1.013,463	184\$
12. Índia	21,411	4.390,183	205\$	12. S. Tomé e Pr.	3,801	481,664	127\$
13. Canadá	7,020	1.608,939	229\$	13. Cabo Verde	1,221	206,888	169\$
14. EUA	0,360	267,768	744\$	14. Guiné Bissau	0,950	113,050	119\$
15. Dinamarca	0,115	192,042	1.670\$	15. Andorra	0,820	117,960	144\$
16. África do Sul	0,060	8,000	133\$	-	0,000	0,000	
17. Japão	0,040	15,429	386\$	-	0,000	0,000	
<b>Total</b>	<b>54.552,825</b>	<b>4.201.753,882</b>	<b>77\$</b>	<b>Total</b>	<b>4.742,590</b>	<b>326.126,689</b>	<b>69\$</b>
%	92,0%	92,8%		%	8,0%	7,2%	
(Import.-Export.)	49.810,235	3.875.627,193		(Export.-Import.)	-49.810,235	-3.875.627,193	

O Arroz N ° 9 - Abril/Maio/Junho 1999



# Editorial



As Pequenas e Médias Empresas (PME) – definem-se de maneira diferente ao nível nacional e comunitário. A definição nacional diz que é classificada como Pequena e Média Empresa (PME) a empresa que preencha cumulativamente os seguintes requisitos: empregue até 500 trabalhadores (ou 600 no caso de trabalho em turnos regulares); não ultrapasse os 2.400.000 contos de vendas anuais; não possua nem seja possuída em mais de 50% por outra empresa ou, desde que tomadas em conjunto, não sejam ultrapassados os limites de trabalhadores e vendas anuais atrás referidos. Por seu lado, a definição Comunitária, segundo Recomendação da Comissão 96/280/CE, de 3 de Abril de 1996 diz que se entende por PME as que: têm menos de 250 trabalhadores; apresentam um volume de negócios anual que não exceda 40 milhões de € (8.019.280 contos) ou um balanço total anual que não exceda 27 milhões de € (5.413.014 contos); cumprem o critério de independência do seguinte modo: não são propriedade, em 25% ou mais do capital ou dos direitos de voto, de uma empresa ou, conjuntamente, de várias empresas que não se enquadram na definição de PME ou de pequena empresa, conforme seja o caso. Ainda, Pequena Empresa é definida como a que tem menos de 50 trabalhadores, um volume de negócios anual que não exceda 7 milhões de € (1.403.374 contos), ou um balanço total anual que não exceda 5 milhões de € (1.002.410 contos) e que cumpre o critério de independência acima definido e Microempresas distinguem-se dos outros tipos de PME por terem menos de 10 trabalhadores. Se, em acréscimo ao que foi descrito, observamos que as PME representam a quase totalidade do tecido empresarial, somando mais de 18 milhões empresas no conjunto dos 15 países membros da União, empregam 66% dos trabalhadores e somam um volume de negócios equivalente a 55 % do total, podemos concluir que o seu peso no emprego e na facturação global das empresas europeias é enorme. Estes dados são referentes a 1995 e não abarcam o sector agrícola, demonstrando claramente que a economia da União depende das pequenas e médias empresas, um tecido que está em crescimento e chega, em alguns sectores, a implicar 90% dos postos de trabalho. O ritmo anual de criação e morte de empresas, equivale ao nascimento de cerca de dois milhões de novas PME e ao desaparecimento de 1,6 a 1,8 milhões, dando origem a um ganho líquido entre 400 mil e 200 mil novas PME todos os anos. Esta actividade empresarial mostra a crescente dinâmica que os diversos sectores económicos têm tido na Europa e indicam que o número efectivo de empresas de pequena e média dimensão cresceu rapidamente nos últimos anos. O emprego criado pelas PME europeias é relativamente mais flexível do que aquele originado pelas grandes empresas. Os trabalhadores estão menos tempo no posto de trabalho - as companhias são menos estáveis -, há mais casos de *part-time* e a percentagem de mulheres é maior. Em Portugal as PME são responsáveis por 75 por cento do emprego. Em 1997, cerca de um quarto dos trabalhadores por conta de outrem encontrava-se em empresas com menos de dez trabalhadores e aproximadamente trinta por cento estavam a trabalhar em empresas que tinham dez a 50 trabalhadores. Ou seja, quase 60 por cento dos trabalhadores estavam em empresas com menos de 50 empregados ao serviço. As empresas com menos de cem trabalhadores representam cerca de três quartos dos trabalhadores. As maiores empresas, com mais de 500 empregados, absorviam cerca de 20 por cento do emprego. Como se pode observar pelas definições acima apresentadas, a totalidade do nosso sector é constituído por PME, o que nos coloca a todos numa situação concorrencial muito semelhante, ou seja, nenhum de nós - industriais de arroz -, possui ou possuirá uma dimensão económica capaz de se tornar a curto prazo numa grande empresa nacional ou europeia. Isto coloca-nos numa situação de fraqueza concorrencial face aos nossos concorrentes comunitários e ou mundiais, mas também face a fornecedores e clientes. Ao nível nacional o sector enfrenta uma concorrência feroz dada a prevalência da força económica a jusante - basta ver os preços dos produtos nas prateleiras da distribuição com as margens comerciais em permanente decréscimo - o mesmo já não acontecendo com as negociações a montante, dadas as relações privilegiadas entre a indústria e a produção, relações essas muitas delas já com um historial bastante longo e ou beneficiando do papel duplo de alguns industriais como Industriais/Produtores. Se ao nível nacional algumas empresas, cerca de cinco, possuem uma dimensão bastante apreciável isso não lhes garante uma posição confortável dada a concorrência verificada no sector. Durante os próximos anos o nosso sector irá atravessar períodos mais difíceis e outros mais fáceis, mas de certeza nada ficará como até aqui. As alterações que se têm verificado a nível mundial, noutros sectores da actividade económica, principalmente as fusões e as aquisições à escala intercontinental, não podem deixar de nos alertar para a dimensão global dos sectores, industriais ou não. Hoje em dia e num futuro próximo a luta pela sobrevivência das empresas com escalas intercontinentais será suportada pelo crescimento que essas mesmas empresas conseguirem auferir, ou seja, quanto mais crescerem maior será a possibilidade de “absorverem” as mais pequenas. A mentalidade consiste em “absorver para não ser absorvido”. Vamos por isso continuar a assistir a um processo de Globalização económica das empresas. Não quero acabar estas minhas breves palavras sem deixar no entanto uma palavra de esperança para todos no sentido de lembrar em primeiro lugar, que estas “modas económicas” como a própria economia são cíclicas, o que hoje é óptimo amanhã é seu inimigo. Se hoje se pratica o crescimento de escala, provavelmente amanhã pensar-se-á em aumentar a qualidade ou o serviço final ao consumidor. Provavelmente, assistiremos daqui a poucos anos a uma renovada tendência do “pequeno é que é bom” e muitos dos autênticos impérios de hoje darão lugar a muitas empresas mais humanizadas à vista do consumidor, mas detidas pelas mesmas fontes de capital, estas menos perceptíveis pelo consumidor. Em segundo lugar, mesmo nos mercados em concorrência perfeita as empresas tendem a sobreviver, pois são obrigadas a adaptar-se continuamente ao que o mercado consumidor lhes pede e exige. Por último, existe hoje um elemento central que será o mesmo de amanhã - o consumidor final - o qual, é sem dúvida, o único elemento com presença constante nos mercados. As empresas podem desaparecer, os meios de compra e venda podem variar, mas o consumidor é a razão de tudo. Por isto todas as empresas evoluídas em termos de marketing procuram estar sempre de “acordo” com o seu cliente final, nem que para isso seja preciso “persuadi-lo” um pouco.

## Em Destaque

Notícias do Mundo

Observatório do Mercado Mundial do Arroz  
em Maio de 1999

Previsões da FAO para os cereais  
em Maio de 1999

O Mercado do Arroz em Portugal

O Mercado das Massas em Portugal

## Índice

Comércio Externo de Arroz em Portugal .....	2
Editorial .....	3
Destaque, Índice .....	4
Notícias do Mundo .....	5
Observatório do Mercado Mundial do Arroz em Maio de 1999 .....	7
Previsões da FAO para os cereais em Maio de 1999 .....	8
O Mercado do Arroz em Portugal .....	9
O Mercado das Massas em Portugal .....	14
Receita de Arroz “Abacates Recheados” .....	15

## Ficha Técnica

Boletim da Associação Nacional dos Industriais de Arroz - ANIA  
Publicação Regular - ANO IV - N.º 9 - Abril/Maio/Junho de 1999  
Tiragem: 100 exemplares  
Direcção do Boletim: Ernesto Marques Morgado  
Edição e Propriedade: ANIA - Avenida da República, N.º 60, 5.º Esq.º - 1050-197 Lisboa  
Telefones: +351-1-781 58 40  
Fax: +351-1-781 58 45  
E-mail: ania@ania.pt  
URL: <http://www.ania.pt>  
Coordenação e Redacção: Pedro Silva e Pedro Monteiro  
Produção e Execução Gráfica: ANIA



# Notícias do Mundo

## **JAPÃO – Imposição de pesadas taxas à importação de arroz**

A partir de 01 de Abril de 1999, o Japão impôs elevadas taxas às importações de arroz, com a finalidade de proteger os seus agricultores e apesar dos protestos de países estrangeiros produtores. Assim, uma taxa de 351,17 ienes/kg (2,6 € / 521\$30) está a ser cobrada. No entanto, esta taxa baixará para 341 ienes em Abril de 2000. Esta taxa vem aumentar os preços das importações em pelo menos 300%. Os japoneses pagam cerca de 500 ienes/kg (3,8 € / 761\$80) pelo arroz de qualidade corrente produzido no Japão. Mesmo se o seu consumo diminuir, o arroz manter-se-á como o alimento base da alimentação nipónica. Os maiores protestos vieram de países exportadores como os EUA, a UE, a Argentina e o Uruguai. A adopção do sistema de taxação à importação permitirá ao Japão a limitação das suas compras de arroz estrangeiro a 724.000 Ton. para o ano fiscal de 1999. Outrora mais barato, o arroz importado já não é tão desejado pelos japoneses, que preferem o arroz redondo (Japónica), produzido no seu país, ao arroz longo (Índica) que é pobre em amido e é cultivado em países estrangeiros.

## **TAILÂNDIA – Biotecnologias**

A Tailândia anunciou que iria cada vez mais utilizar as biotecnologias, tal como a utilização genética, com a finalidade de aumentar a qualidade e a quantidade das suas produções agrícolas durante os próximos 10 anos.

## **JAPÃO – Arroz planta modelo**

O arroz é conhecido como uma excelente planta modelo para o estudo do genoma, devido à sua semelhança com os outros cereais e ao seu papel alimentar no mundo. O Instituto Nacional de

Recursos Agro-biológicos Japoneses (NIAR), organismo público situado próximo de Tóquio, difundiu os primeiros resultados dos seus trabalhos de estudo do genoma do arroz (*Oryza Sativa*), que têm envolvido cerca de 30 laboratórios governamentais, académicos e industriais.

## **BRASIL – Governo destruiu uma colheita de arroz transgénico**

No dia 22 de Abril, o governo brasileiro anunciou a destruição de um lote experimental de arroz geneticamente modificado produzido por uma unidade local da AGrEvo, uma “joint venture” agro-química entre as empresas alemãs Hoechst AG e Schering AG. Os representantes governamentais entraram em acção depois de terem constatado que a colheita de arroz experimental situada no Estado do Rio Grande, Estado hostil a toda a produção de produtos transgénicos que não satisfaça as apertadas normas federais de segurança alimentar.

## **FRANÇA – Em estudo uma fileira sem OGM**

Um projecto de uma fileira orizícola sem Organismos Geneticamente Modificados (OGM) está em estudo pelas autoridades francesas. Este projecto levado a cabo por 35 organizações agrícolas profissionais desde Novembro de 1998, pretende estudar esta questão em todas as suas dimensões: económica; científica; técnica; jurídica; e organizacional. Durante o ano 2000 dever-se-ão conhecer publicamente os resultados alcançados por este estudo.

## **EUA – Programa de apoio aos orizicultores?**

O Departamento da Agricultura norte americano (USDA), juristas e os agrupamentos de produtores têm discutido a possibilidade de execução de um programa de ajuda aos orizicultores americanos que sofreram a baixa dos preços do ano pas-

sado, à semelhança dos outros produtores de cereais. Ainda não foi tomada nenhuma medida concreta, mas há quem sugira que o USDA compre o arroz com a finalidade de o doar a países carenciados (ajudas alimentares) como foi feito o ano passado com o trigo.

## **MONSANTO - a Microsoft da Alimentação**

A estratégia da empresa Monsanto poderá resumir-se a uma fórmula: tornar-se na Microsoft alimentar, ou seja, adquirir uma posição dominante no mercado das biotecnologias e das suas aplicações. A sua principal preocupação: ganhar a corrida às licenças entre as multinacionais da ciência e da vida. O objectivo consiste em identificar no seio de numerosas plantas ou seres vivos os genes julgados responsáveis pelas propriedades que eles transmitem, e licenciá-los o mais rapidamente possível, a fim de deter os direitos da sua utilização para eventuais aplicações. Mas possuir somente as licenças não permite a sua exploração e portanto a sua valorização. A Monsanto está empenhada numa política muito activa de aquisições de empresas no sector das sementes, mas também de pequenas empresas de biotecnologia detentoras de carteiras de licenças. Adquirir um máximo de direitos sobre os genes, diversificar verticalmente, a fim de ter mão livres para a valorização: um duplo objectivo que necessita de grandes meios financeiros. Foi por isso que a Monsanto decidiu especializar-se nas ciências da vida e abandonou, há dois anos, a sua actividade na indústria química. A actividade do grupo divide-se hoje em dia em três domínios principais: a agricultura; a alimentação; e a saúde.

**OPA sobre os genes do arroz**  
Craig Venter, após a sua ligação ao projecto do genoma humano,



debruça-se agora sobre o ADN do arroz. A Celera Genomics, empresa americana criada por este genetista anunciou a sua intenção de descodificar o genoma do arroz em seis semanas e de criar uma base de dados que será comercializada para outras empresas, por 30 milhões de dólares (cerca de 6 milhões de contos).

#### **FRANÇA - Interrogações sobre as ajudas aos agricultores americanos**

A multiplicação das ajudas aos agricultores dos EUA com vista a ajudar os orizicultores pelo segundo ano consecutivo, devido à baixa dos preços do arroz no mercado mundial estão a preocupar a França. A ajuda extraordinária será de 4,3 mil milhões de dólares (cerca de 200 milhões de contos). Em 1998 o Congresso já havia aprovado uma ajuda de urgência de 5,9 mil milhões de dólares aos agricultores, que os europeus denunciaram. Tratam-se sem dúvida de fortes medidas eleitorais dada a proximidade das eleições presidenciais.

#### **EUA - Orizicultores pedem ajuda**

A Associação Americana dos Produtores de Arroz acaba de pedir ao Ministério da Agricultura norte-americano (USDA) a compra de 250.000 Ton. de arroz para os programas de ajuda alimentar interna e externa a fim de socorrer certos agricultores em dificuldades. Outro agrupamento, a Federação de Arroz Americana, propõe igualmente um programa de apoio aos agricultores mais necessitados. Esta propõe que o USDA compre 26 milhões de dólares ( $\pm 5,2$  milhões de contos) de arroz para o país fazer face à necessidade de pagamento de mais 66 milhões de USD em empréstimos de longo prazo, que permitem a compra de arroz por outros países. Os preços do arroz baixaram este ano em virtude de um aprovisionamento mundial em alta e de uma fraca procura. No fim de Fevereiro os

preços na bolsa de Chicago eram os mais baixos desde Abril de 1995.

#### **UE - Bruxelas quer uma PAC mais clara**

A Comissão Europeia, após alguns anos de experiência, irá levar a cabo um trabalho de simplificação da legislação agrícola comunitária com a finalidade de tornar a PAC mais perceptível para os operadores e serviços. Nesta linha, a CE eliminou 27 regulamentos antigos e a derrogação de actos ultrapassados irá continuar. Os actos consolidados são actualizados regularmente pela Internet. Este trabalho estender-se-á por mais três anos.

#### **ÍNDIA - Providencial sêmea de arroz**

Os responsáveis agrícolas indianos exploram a possibilidade de produzirem óleo a partir da sêmea de arroz para fazerem face à actual penúria de óleo alimentar daquele país. Confrontada com a escassez produtiva de oleaginosas, com as importações em alta e poucas oportunidades de expansão devido à limitação das superfícies, a Índia estuda novos meios de obter óleos vegetais. Estima-se que 1,35 milhões de Ton. de óleo de sêmea de arroz poderão ser produzidas por ano. A Índia produz anualmente 500.000 Ton. de sêmea de arroz e destas somente 350.000 Ton. são comestíveis.

#### **EUA - Mais arroz com menos água**

A cultura do arroz necessita duas vezes mais de água em relação a outros cereais como o trigo, ou seja, mais 1.800 Ton. de água para uma tonelada de arroz ceifado. As técnicas agora em estudo poderão reduzir em 25% as necessidades de água, tornando os orizicultores bastante mais eficientes na sua utilização. Diferentes técnicas de economia da utilização da água estão a ser empregues, como a "sementeira molhada", a irrigação intermitente e o nivelamento das parcelas de terreno. Ou-

tras técnicas estão em estudo porque a procura de água nos próximos 25 anos deverá aumentar fortemente na Ásia. Durante o mesmo período, a procura de arroz deverá aumentar cerca de 40%.

#### **RÚSSIA - 50.000 Ton. de arroz PL 480 dos EUA**

A Rússia abriu uma adjudicação de 50.000 Ton. de arroz PL 480 no quadro de uma programa de ajuda alimentar no valor de 16 milhões de USD ( $\pm 3,2$  milhões de contos), para a fileira orizícola americana. Trata-se da primeira tranche de um total de 100.000 Ton. de PL 480.

#### **CHINA - Exportações em alta 24%**

A China exportou 660.000 Ton. de arroz durante o primeiro quadrimestre de 1999, ou seja, 24,1% a mais em relação a 1998 para o mesmo período, e importou 90.000 Ton. (-31,9%). Em Abril, exportaram 90.000 Ton. contra a importação de 10.000 Ton.

#### **FRANÇA - Destruição de plantas de arroz modificadas**

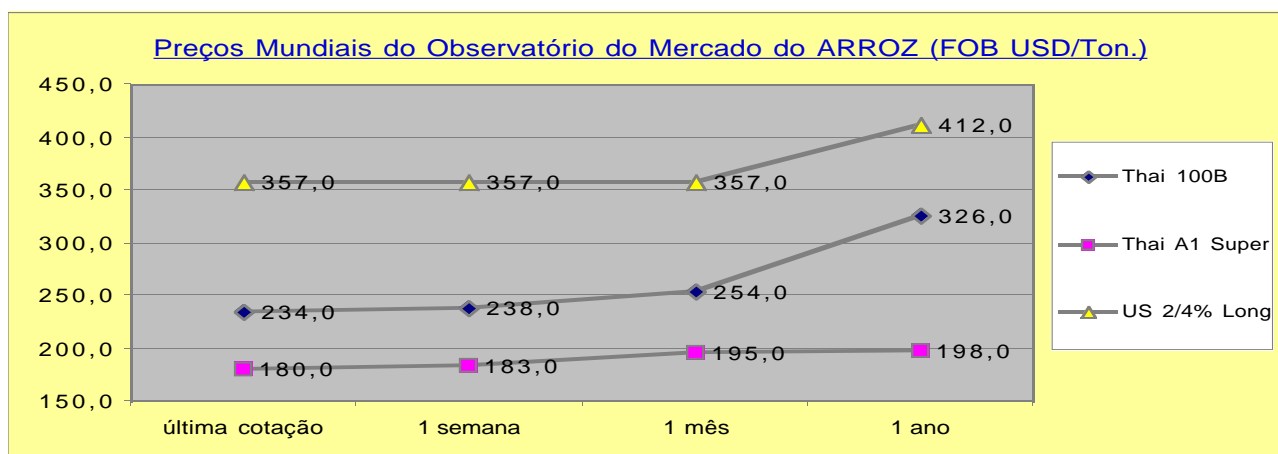
Uma centena de agricultores, destruíram, no dia 05 de Junho, plantas de arroz produzidas por um centro agronómico de Montpellier. Este acto visou protestar contra as pesquisas dos organismos geneticamente modificados (OGM), para as quais estas plantas estavam destinadas.

#### **ÍNDIA - Baixa da procura mundial de arroz indiano**

A procura mundial de arroz indiano baixou consideravelmente quando comparada com dados de há dois ou três anos. Os baixos preços praticados actualmente pelo Vietname e pela Tailândia e mesmo pelo Paquistão tornaram o arroz indiano muito menos concorrencial no mercado internacional. A esperança de conseguir vender o seu arroz à Indonésia esfumou-se. Assim, cerca de 6.000 Ton. de arroz foram vendidas pelo sector privado ao Bangladesh que reduziu bastante as suas importações devido a uma boa colheita este ano.



# Observatório do Mercado Mundial do ARROZ em Maio de 1999



A maior parte da sementeira desta época ainda não foi feita na Ásia, à espera das chuvas das monções. No entanto a sementeira está a decorrer em alguns países do Hemisfério Norte. No Hemisfério Sul e na linha equatorial, a safra está praticamente completa. Nestas áreas espera-se um aumento das produções devido ao aumento das áreas cultivadas e uma melhoria no cultivo da planta quando comparada com o ano anterior. As previsões da FAO para a produção total de arroz em casca para 1999 apontam para um aumento de 1% a 2% em relação a 1998.

As expectativas para o comércio mundial em 1999 continuam a apontar para uma contracção em relação ao *record* de 1998. Apesar do último relatório da FAO de 1999 apontar para uma subida de 300.000 Ton. em relação às 21,8 MT (milhões de toneladas) do relatório anterior, este valor ainda ficará aquém em 5,8 MT em relação ao "record" do ano de 1998. Esta redução do

comércio em relação a 1998 tem a ver com uma melhor performance das produções de 1999 de muitos países importadores, devido aos fenómenos meteorológicos relacionados com o "El-Niño" que ocorreram em 1997 e 1998.

A pressão constante para a queda dos preços internacionais do arroz continuou durante Abril, e o índice FAO (1982-84=100) manteve a tendência de queda desde o início do ano, caindo mais 4 pontos desde Março para uma média de 112 pontos em Abril, o seu nível mais baixo desde Dezembro de 1994. Esta pressão para a baixa dos preços advém da baixa procura de arroz para importação e aliada a uma larga oferta de arroz para exportação. Como resultado deste desequilíbrio, a competição junto dos países exportadores aumentou, com implicações positivas sobre os preços do produto.

As previsões da FAO para os stocks de arroz aumentaram em cerca de 1 MT para 51,4 MT.

Este aumento é largamente atribuído a um aumento antecipado dos stocks da Índia, como consequência das novas previsões em alta para a produção de 1998/99 feitas pelo governo indiano. Os stocks finais na Indonésia, Sri Lanka e Nepal também foram ajustados para cima devido a boas estimativas das produções.

Países Desenvolvidos – A colheita de arroz em casca de 1999 está praticamente completada na Austrália, enquanto a campanha está ainda a decorrer nos EUA e na UE. Na Austrália, a campanha de 1999 estará brevemente concluída e, dadas as condições bastante favoráveis, prevê-se uma produção de 1,35 MT, um pouco acima dos valores de 1998 e muito perto do record de 1997. Nos EUA, está-se a semear o arroz numa superfície estimada pelo USDA em 1,5 Mha, mais 100.000 ha em relação a 1998. Assumindo rendimentos médios de 6,13 Ton./ha, a produção de paddy atingirá as 9,2 MT.

## **Preços Mundiais do Observatório do Mercado do ARROZ**

Tipos de arroz	Data Efectiva	Preços de Exportação (f.o.b. USD/Ton.)						
		última cotação	1 semana	% 1 Sem.	1 mês	% 1 mês	1 ano	% 1 ano
Thai 100B	23/04/99	234,0	238,0	-1,7%	254,0	-7,9%	326,0	-28,2%
Thai A1 Super	23/04/99	180,0	183,0	-1,6%	195,0	-7,7%	198,0	-9,1%
US 2/4% Long	23/04/99	357,0	357,0	0,0%	357,0	0,0%	412,0	-13,3%

Fonte: International rice brokers

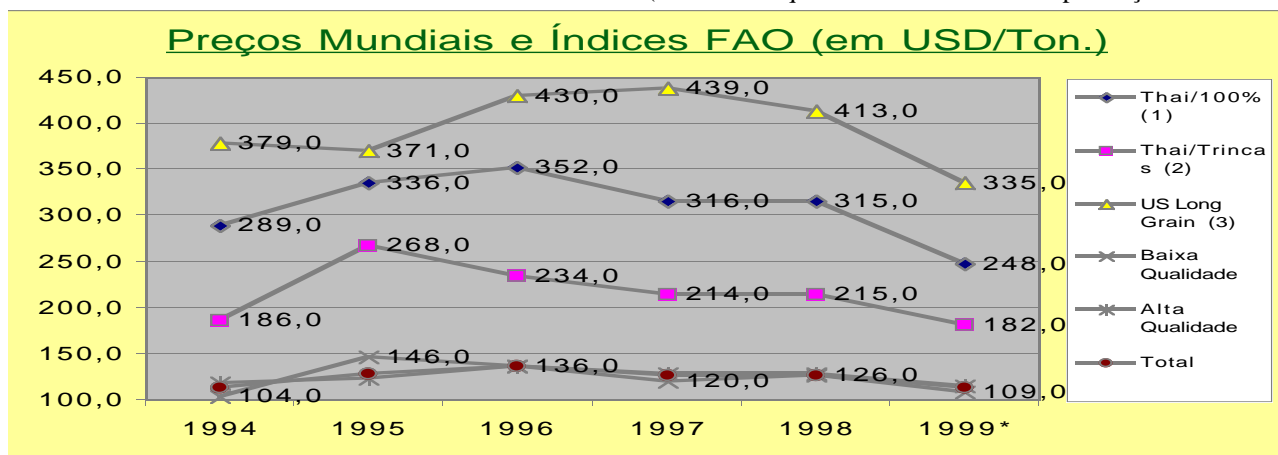


## Previsões FAO para os cereais em Maio de 1999

As últimas estimativas da FAO para a produção mundial de cereais apontam para uma redução em 1999 e para uma ligeira redução da oferta para a campanha de 1999/2000. Se as previsões correntes se materializa-

2,6% abaixo de 1998, os outros cereais atingirão as 891 MT, 1,5% abaixo dos valores atingidos na época passada. A produção de arroz ao contrário deverá aumentar 1,4% atingindo assim as 387 MT (base branquea-

rais condições satisfatórias para as campanhas de 1999. Os preços internacionais do arroz caíram em Abril, mas recuperaram um pouco em Maio como resposta ao aumento das necessidades de importações.



rem, a produção de cereais para 1999 não será suficiente para cobrir o consumo esperado para 1999/2000 e as reservas globais de cereais acumuladas nas últimas três campanhas terão que ser utilizadas.

Na Europa persiste uma grande emergência humanitária, devido aos milhares de refugiados do Kosovo. Noutros locais do globo os problemas alimentares também se fazem sentir com gravidade, nomeadamente em África, na Ásia e na América Latina.

As previsões da FAO para os cereais apontam para uma produção em 1999 de 1.858 MT, 1,3% abaixo dos valores do ano passado. O trigo deverá ter uma produção mundial de 579 MT,

do).

As primeiras previsões para o comércio mundial de cereais em 1999/2000 apontam para 212 MT, 5% acima dos valores de 1998/99. O comércio global de trigo deverá aumentar cerca de 5% para 100 MT, enquanto que os outros cereais aumentarão cerca de 2%, para 92 MT. Ao contrário, o arroz, deverá ter uma quebra do comércio internacional como efeito de melhores campanhas perspectivadas para os países principais importadores.

Os preços internacionais do trigo e dos outros cereais baixaram ainda mais a partir de Março, na sua maioria reflectindo uma baixa da procura no mercado mundial e em termos ge-

Os principais continentes onde em 1999 se irá produzir o arroz (em casca) no Mundo são os seguintes: 1) Ásia – 525,5 MT (+0,4%) representando 90,1% da produção global; 2) América do Sul – 20,5 MT (+22,0%) representando 3,5% da Produção mundial; 3) África - 16,1 MT (+3,2%) com uma percentagem de 2,8% da produção global; 4) América do Norte – 9,4 MT (+10,6%) e representa 1,6% da produção mundial; 5) Europa – 3,2 MT (+0,0%) com 0,6% da produção mundial; 6) América Central – 2,4 MT (+9,1%) representando 0,4% da produção global e finalmente; 7) Oceânia – 1,4 MT (+0,0%) e com uma quota global de 0,2%.

### Preços Mundiais e Índices de Preços FAO

Tipos de arroz	Preços de Exportação						Média 94/98	Variação 98/99	
	1994	1995	1996	1997	1998	1999*			
(preços: USD/ton.)									
Preços de Exportação	Thai/100% (1)	289,0	336,0	352,0	316,0	315,0	248,0	309,3	-21,3%
	Thai/Trincas (2)	186,0	268,0	234,0	214,0	215,0	182,0	216,5	-15,3%
	US Long Grain (3)	379,0	371,0	430,0	439,0	413,0	335,0	394,5	-18,9%
Índices FAO (82-84=100)	Baixa Qualidade	104,0	146,0	136,0	120,0	126,0	109,0	123,5	-13,5%
	Alta Qualidade	118,0	124,0	136,0	129,0	128,0	115,0	125,0	-10,2%
	Total	114,0	129,0	136,0	127,0	127,0	113,0	124,3	-11,0%

(1) Arroz branqueado, 100% second grade, f.o.b. Bangkok, preços indicativos das transacções.

(2) A1 super, f.o.b. Bangkok, preços indicativos das transacções.

(3) US N°2, 4% trincas f.a.s..

\* Maio de 1999

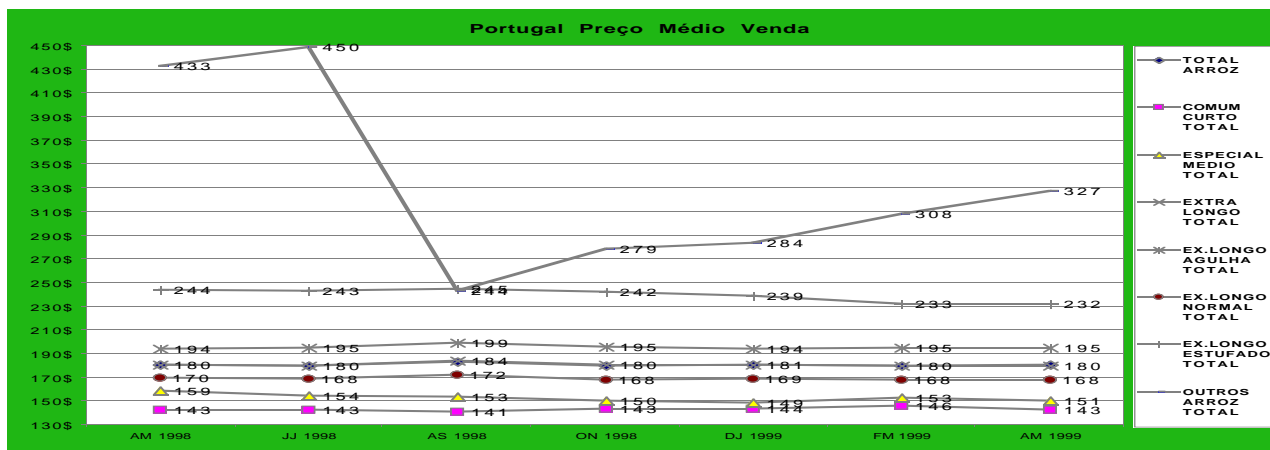




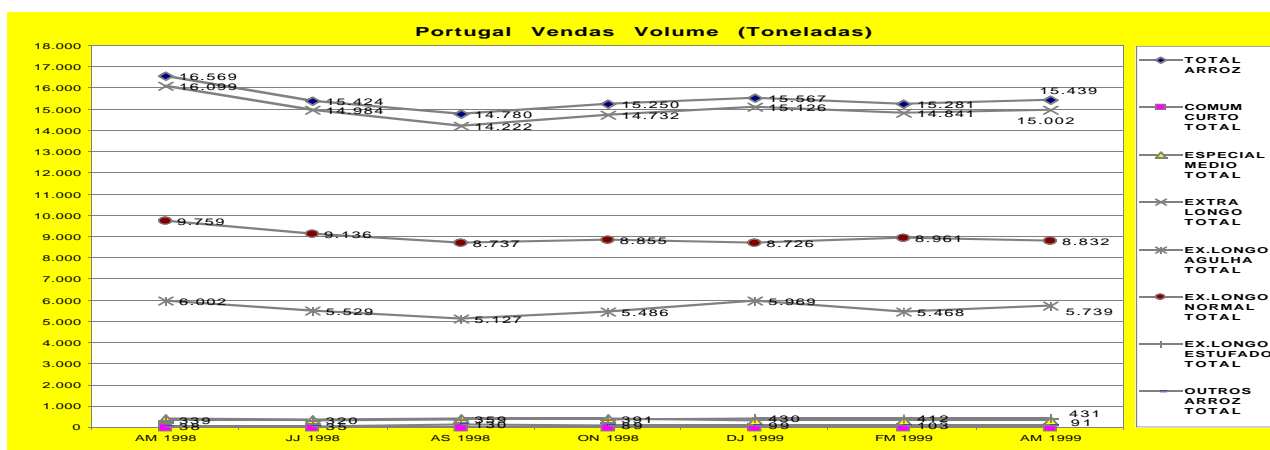
# O MERCADO DO ARROZ EM PORTUGAL

Segundo dados da empresa AC Nielsen, S.A. o mercado do arroz no último ano móvel (AM98/AM99) sofreu algumas alterações de realce quer em volume quer em valor, com os preços em termos genéricos a gozarem de alguma estabilidade.

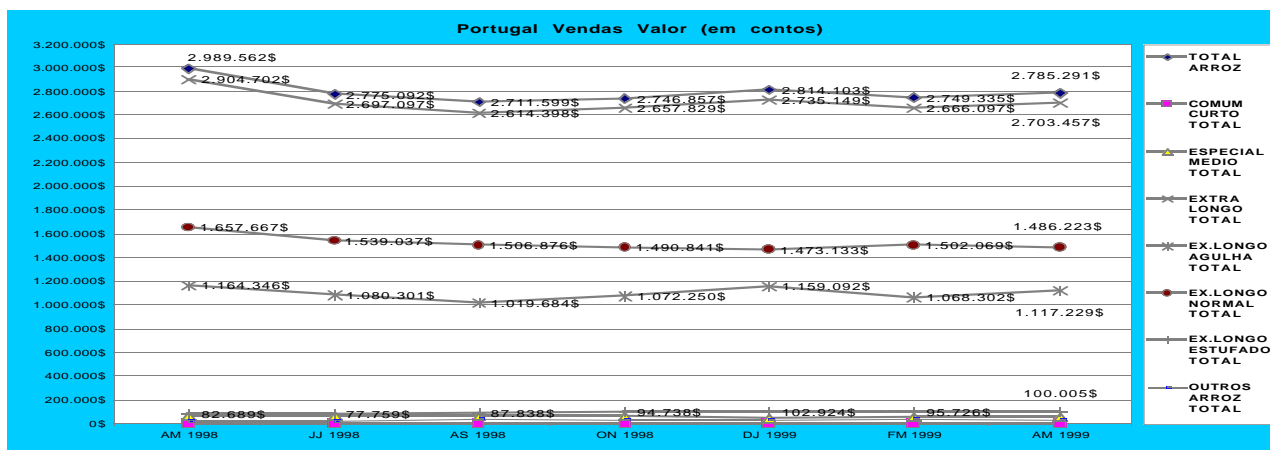
Fazendo uma análise do gráfico dos preços médios de venda ao público (PMVP) por kg para Portugal, verifica-se uma grande estabilidade destes para os principais tipos de arroz: o líder Carolino que há um ano valia 170\$00 vale hoje 168\$00 uma variação negativa de 1,2%; o Agulha por seu lado aumentou de 194\$00 para 195\$00 o que representa um aumento de pouco mais de 0,5%. Devido a estes movimentos contrários o arroz Extra Longo Total que representa a soma de todos, apresenta uma variação nula, permanecendo nos 180\$00 que é também o PMVP do Total do Arroz, dado o peso destes na quota de mercado (97,2%). As grandes oscilações de preços



verificaram-se nos Outros tipos de arroz (Basmati, pré-cozinhados, etc.) que passou de 433\$00 para 327\$00 uma variação de -24,5%, sendo no entanto o tipo de arroz mais caro do mercado. O Estufado apresenta também uma quebra no PMVP de 4,9%, passando de



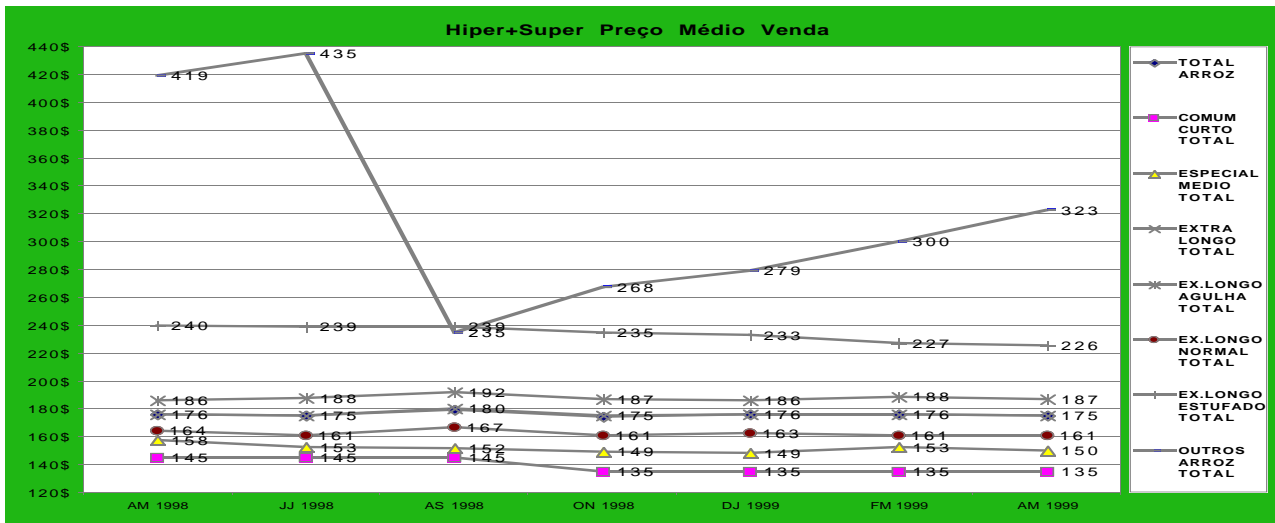
244\$00 para 232\$00. As vendas em quantidade ou volume em Portugal denotam um abrandamento generalizado. Assim, o mercado total à um ano vendia 16.569 Ton. (dados bimestrais que correspondem a ±70% do mercado total) e hoje vende 15.439 Ton. (-6,8%), o líder Carolino perdeu cerca de 9,5% e o Agulha 4,4%. Seguindo a tendência das vendas em volume, também as vendas em valor



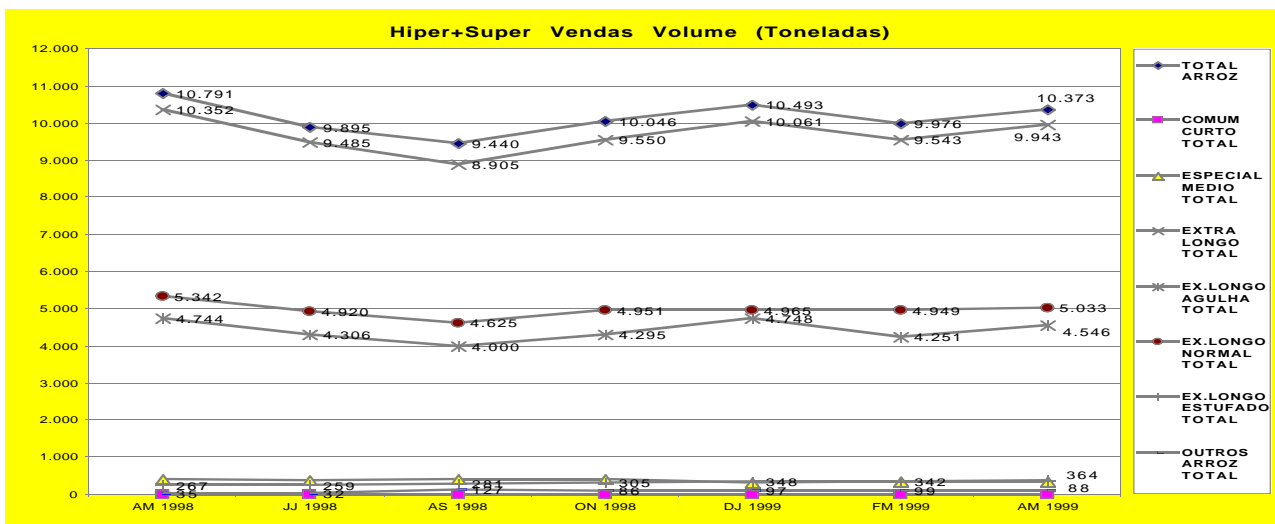
apresentam quebras generalizadas. As vendas totais bimestrais caíram 6,8%, o Carolino caiu 10,3% e o Agulha 4,0%.



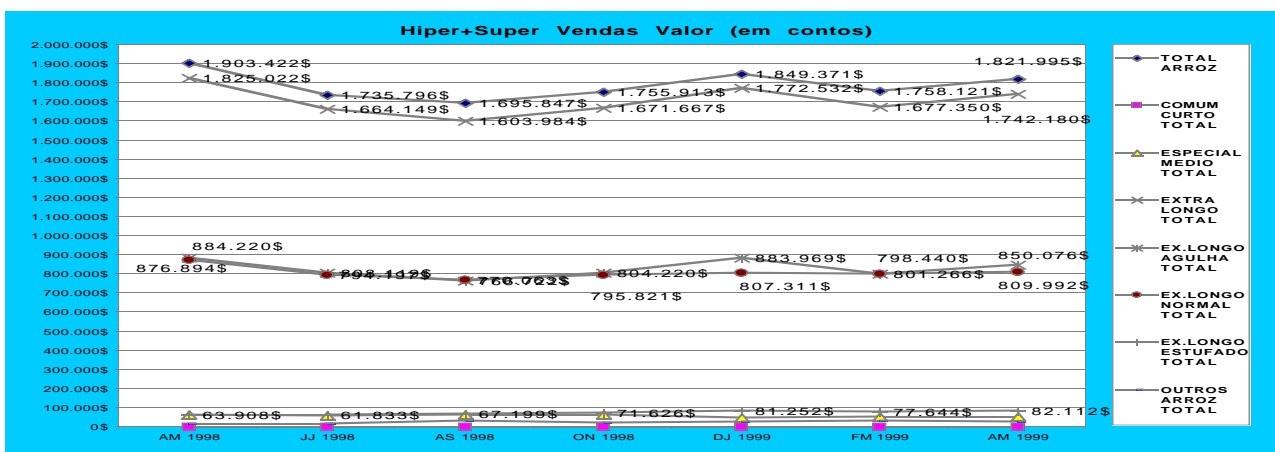
Fazendo agora uma leitura aos gráficos dos principais canais de distribuição, começando pelo Hiper+Super e depois indo ao Tradicional. Verifica-se que os PMVP do Total Arroz na Grande Distribuição passaram de 176\$00 para 175\$00 (-0,6%), enquanto o Carolino passou de 164\$00 para 161\$00 (-1,8%), o Agulha de 186\$00 para 187\$00 (+0,5%), o arroz estufado custa agora 226\$00 (-5,8%). As



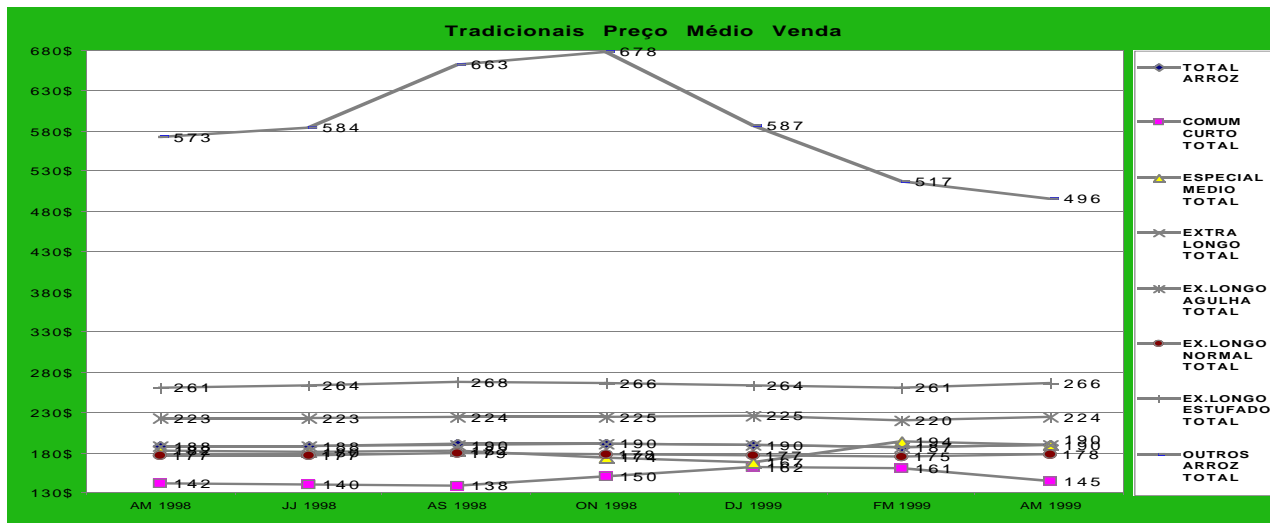
vendas em volume caíram de 10.791 Ton. para 10.373 Ton. (-3,9%), com o Carolino a cair de 5.342 Ton. para 5.033 Ton. (-5,8%) e o Agulha a passar de 4.744 Ton. para 4.546 Ton. (-4,2%), de referir ainda que o Agulha já representa 43,8% do mercado e o Carolino apenas 48,5%. Dos outros tipos de arroz apenas as vendas do Estufado têm alguma relevância situando-se agora nas 364 Ton. o que representa o maior aumento, 36,3%. As vendas em valor também não fugiram à regra e caíram 4,3% passando



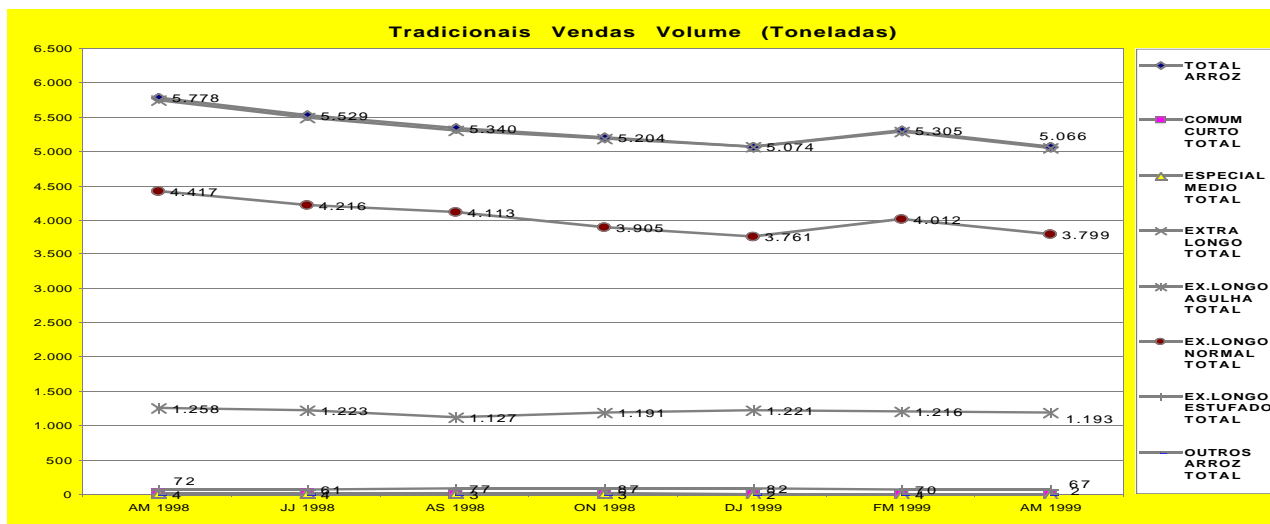
de 1.903.422 contos para 1.821.995 contos. Quanto aos principais tipos de arroz: o líder Agulha caiu 3,9% valendo agora 850.076 contos; e o Carolino caiu 7,6% situando-se nos 809.992 contos. O Estufado continua a ser o tipo de arroz com maior crescimento, +19,2%, representando já 82.112 contos. O canal Hiper+Super representa em valor 65% do mercado e



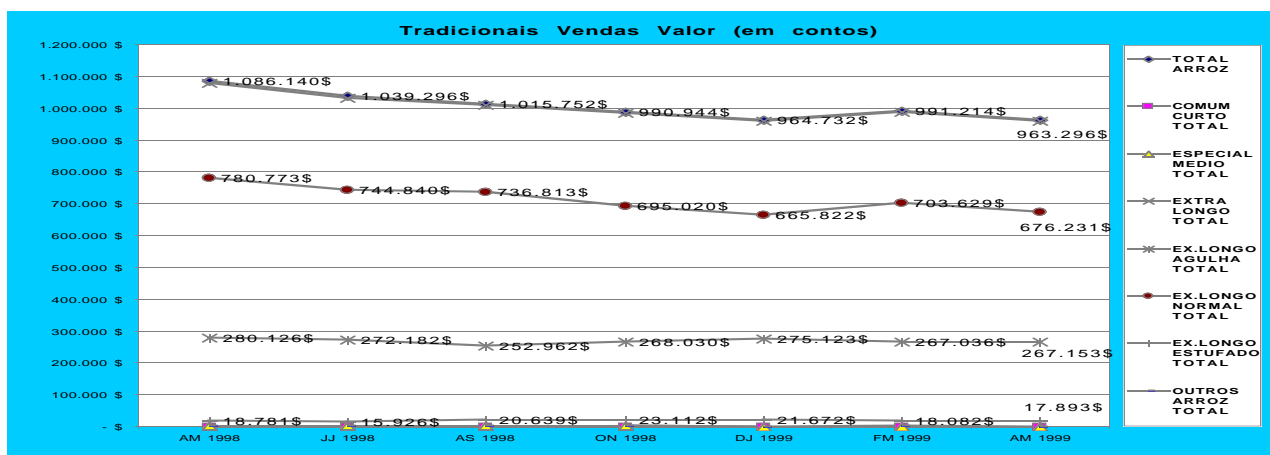
o canal Tradicional os restantes 35%. Neste canal mais “pobre” os preços praticados são em média superiores aos da Grande Distribuição. Assim, o Total Arroz vendia-se a 188\$00 e agora custa 190\$00 (+1,1%), o Carolino custava há um ano 177\$00 custando hoje 170\$00 (-4,0%), o Agulha passou de 223\$00 para 224\$00 (+0,5%), o Estufado que custava 261\$00 custa hoje 266\$00 (+1,9%), o arroz mais caro, custa 496\$00 (-13,4%).



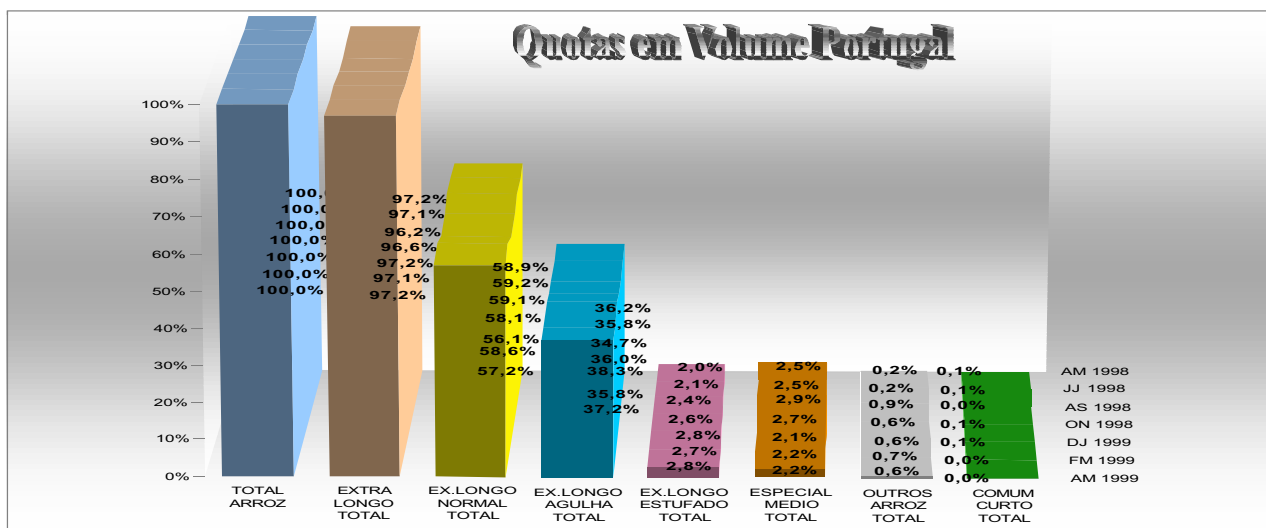
As vendas em volume no canal Tradicional têm diminuindo consideravelmente, em AM/98 vendiam-se 5.778 Ton. um ano depois esse valor caiu para 5.066 Ton. (-12,3%). Os diversos tipos de arroz também seguiram esta tendência: o líder Carolino passou de 4.417 Ton. para 3.799 Ton. (-14,0%); o Agulha vendia 1.258 Ton. e agora vende 1.193 Ton. (-5,2%); até o Estufado registou uma quebra de 7,5% ao passar de 72 Ton. para 67 Ton. Nenhum tipo de arroz apresentou qualquer



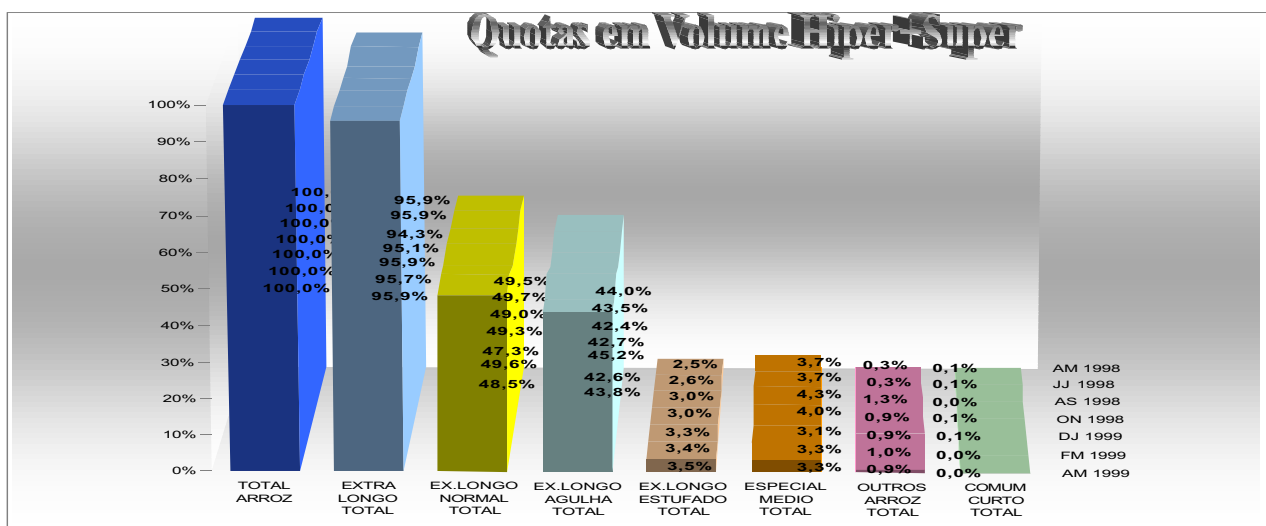
subida das vendas quer em quantidade, quer em valor. Assim, as vendas em valor caíram 11,3% para o mercado Total fixando-se abaixo do milhão de contos, 963.296 contos. O Carolino é líder das vendas com 676.231 contos, mas perdeu 13,4%, o Agulha também registou uma quebra de 4,6% e representa um volume de facturação de 267.153 contos, o Estufado caiu cerca de 4,7% e vende 17.893 contos por bimestre, os outros tipos de arroz não têm expressão numérica.



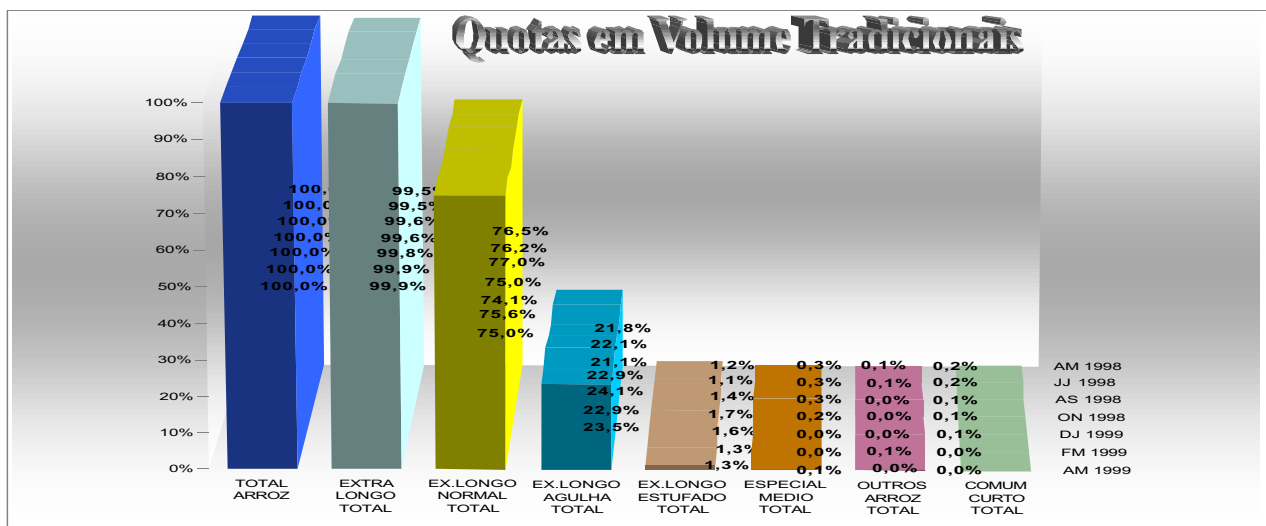
Analisando agora as alterações que se verificaram nas quotas em volume do arroz em Portugal, verifica-se que o Carolino é o líder com 57,2% (-2,9%), segue-se o Agulha com 43,8% (-0,5%), em terceiro lugar aparece o Estufado com 3,5% mas com um crescimento notável (+40%) devido ainda à sua fraca penetração no mercado, em quarto lugar aparece o Especial



Médio com 3,3%, mas a perder quota (-11,0%), os outros tipos de arroz têm quotas muito reduzidas. As quotas em volume nos Hiper+Super apresentam já a aproximação do Agulha, com 43,8% (-0,5%), ao Carolino que tem uma quota de 48,5%

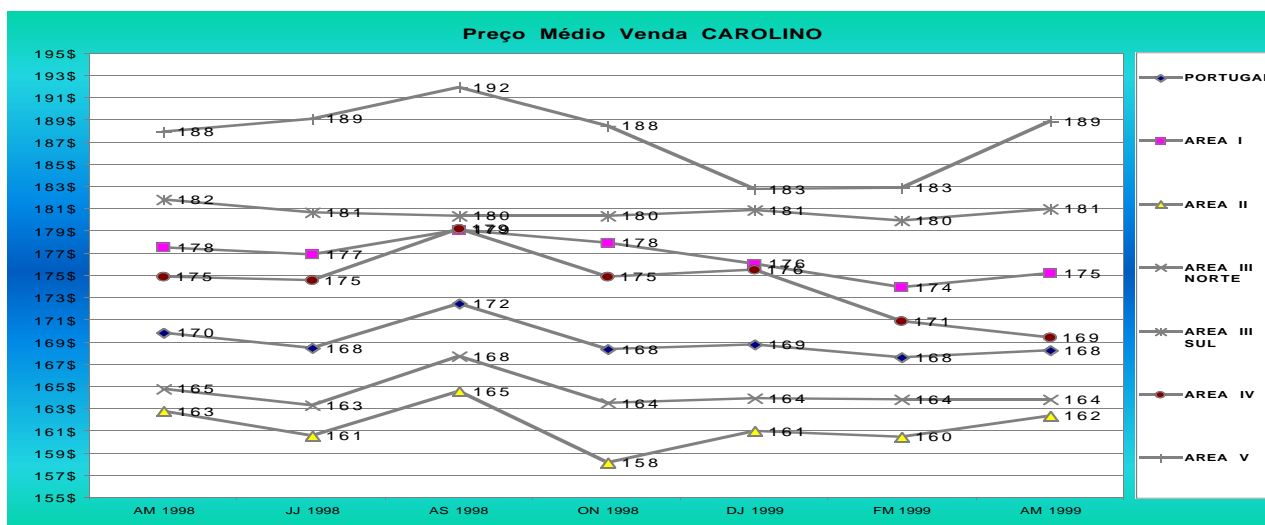


(-2,0%), em terceiro lugar aparece o Estufado com 3,5% mas com um crescimento da quota de 40,0%, o Especial Médio ocupa o quarto lugar com 3,3%, mas a perder 10,8%. As quotas em Volume dos Tradicionais, como o próprio nome indica, mantêm um comportamento histórico onde o Carolino domina plenamente com 75,0% (-2,0%), aparecendo ainda longe o

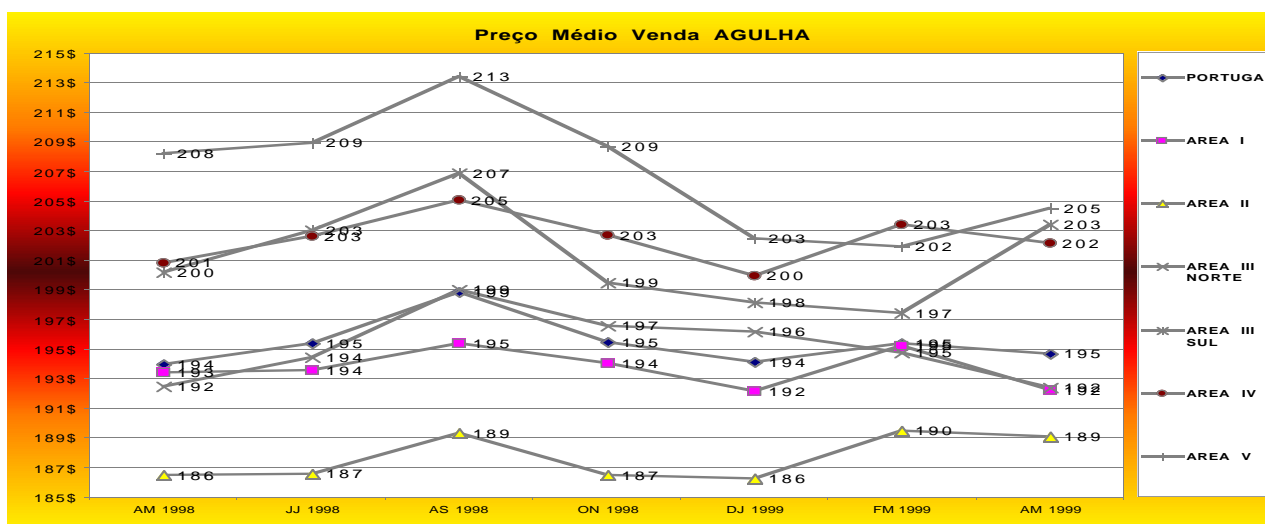


Agulha com uma quota de 23,5%, mas a crescer cerca de 7,8%. O Estufado já conseguiu entrar neste canal onde tem uma quota de 1,3% e cresceu no último ano 8,3%.

Olhando agora mais atentamente para o PMVP dos dois tipos de arroz que dominam o mercado nacional com uma quota



de 97,2%, o Carolino e o Agulha. Nota-se logo à partida um maior valor acrescentado do segundo, que se vende em média a 195\$00, em relação ao primeiro, que tem um PMVP de 168\$00. Este diferencial de 27\$00 reflete mais que o preço da



matéria-prima, tem pois uma mais valia que lhe é atribuída pelo consumidor final dado o seu aspecto visual e a sua simplicidade na confecção. Estamos pois, perante dois tipos de arroz Carolino/Japónica (Extra Longo A) e Agulha/Índica (Extra Longo B) que em termos de qualidade intrínseca do produto não apresentam diferenças, mas na sua confecção têm comportamento bastante diferentes. Assim: o Carolino é indicado para a confecção de pratos da cozinha tradicional portuguesa, o chamado arroz “malandro” pois este arroz absorve os aromas dos ingredientes com os quais é confeccionado, mas deve ser cozinhado com cuidado porque pode “empapar”; o Agulha é mais fácil de confeccionar pois não “empapa” facilmente, mas também não absorve os sabores dos ingredientes, é por isso recomendado para pratos que vão ao forno ou em que o arroz se deva manter solto.

O Carolino pode variar entre um preço máximo de 189\$00 (+0,5%), se for comprado no Algarve e Alentejo (V), e um mínimo de 162\$00 (-0,6%) se for comprado no Grande-Porto (II). A zona da Grande-Lisboa (I) encontra-se em terceiro lugar com o arroz a custar cerca de 175\$00 (-1,7%), abaixo da zona Litoral-Sul (IIIS) onde custa em média 181\$00 (-0,6%). A segunda zona do país com o arroz Carolino mais barato é a área Litoral-Norte (IIIN) 164\$00 (-0,6%), por fim em terceiro lugar aparece a área Interior Norte e Centro (IV) onde o arroz custa 169\$00 (-3,4%).

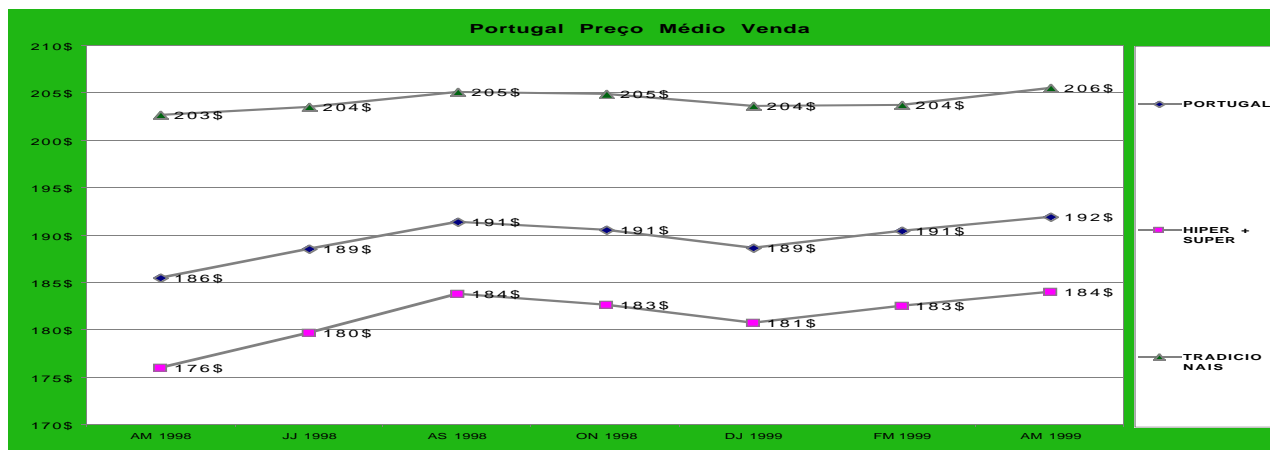
O Agulha também goza de preços muito diferentes entre as diversas áreas do país, assim: em primeiro lugar aparece o Grande-Porto (II) onde custa 189\$00 (-1,6%); em segundo lugar aparecem em exequo o Litoral Norte (IIIN) e a Grande-Lisboa (I) onde custa 192\$00; em terceiro lugar surge o Interior Norte e Centro com 202\$00; em quarto a área Litoral Sul (IIIS) a custar 203\$00 e agora mais cara do que a área anterior; e em último a área mais cara do país o Alentejo e Algarve (V) onde um kg de arroz Agulha custa em média cerca de 205\$00 (-1,4%).

As zonas mais caras do país para os dois tipos de arroz são o Alentejo e o Algarve (V) seguindo-se o Litoral-Sul (IIIS).

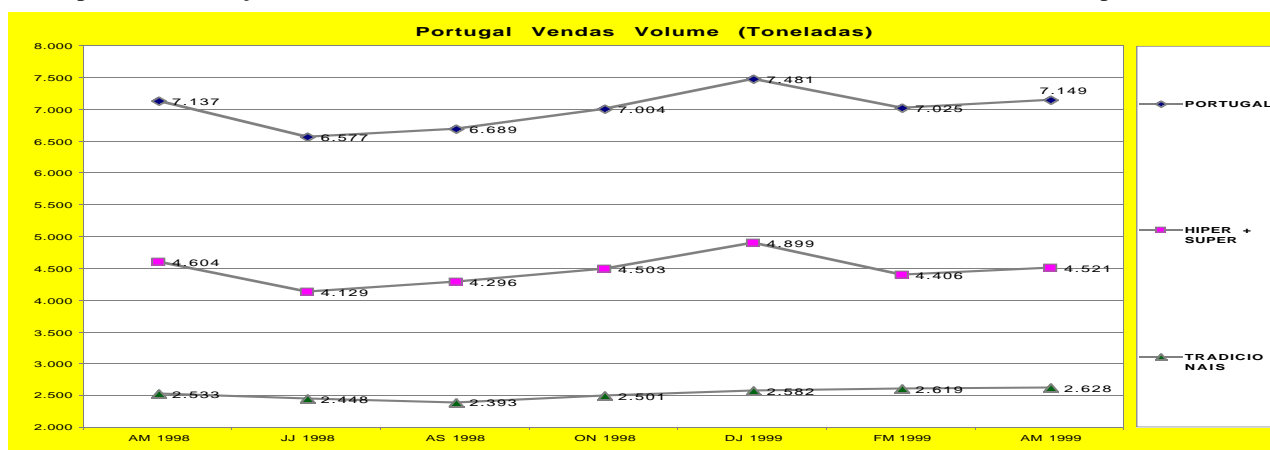


# O MERCADO DAS MASSAS EM PORTUGAL

Quando se fala de produtos substitutos do arroz, a massa aparece logo em primeiro lugar a par da batata, depois admitem-se ainda as refeições pré-cozinhadas, etc. No entanto, em relação à batata não existem dados estatísticos sobre o seu consumo, apenas se pode saber a produção nacional e o comércio externo. Quanto às massas, o seu consumo é tratado estatisticamente pela Nielsen de forma idêntica à do arroz, por isso é possível comparar os dois produtos, o que já não acontece em relação às batatas. Analisando agora as massas, verificamos que em Portugal e desde AM/98 o seu preço tem vindo a crescer situando-se em 192\$00 (+3,2%). Como no arroz, as massas são mais caras no canal Tradicional (206\$00/+1,5%) e mais baratas no canal Hiper+Super (184\$00/+4,6%). Em todos

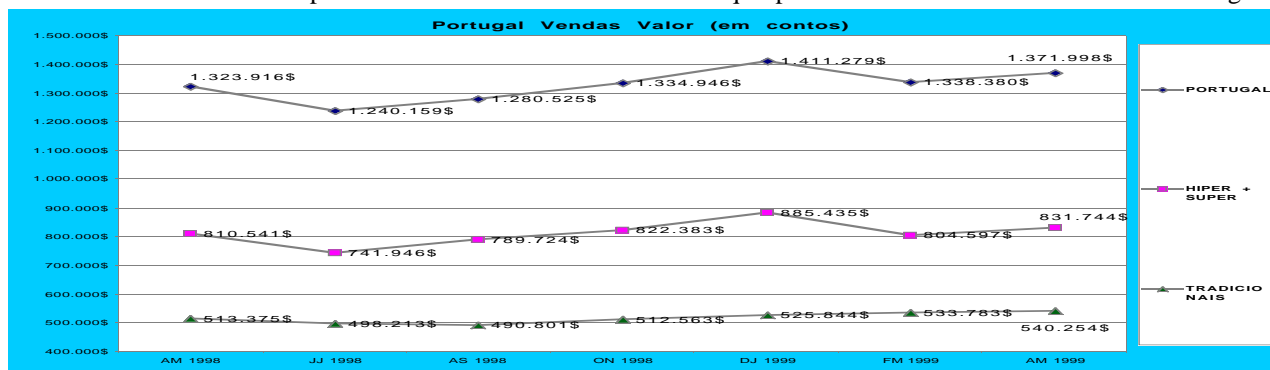


os canais de distribuição os PMVP têm crescido de uma maneira sustentada, o que é contrário ao arroz, provavelmente devido a um maior poder negocial das empresas das massas, visto existirem apenas um quarto do número de empresas em relação ao arroz. As vendas em volume das massas aumentaram de 7.137 Ton. para 7.149 Ton.



(+1,7%), os Hiper+Super vendem cerca de 4.521 Ton. (-1,8%) a que corresponde uma quota de 63% e o Tradicional com 2.628 Ton. (+3,8%) tem a quota restante de 37% do mercado. Quanto às vendas em valor, vendeu-se no último bimestre 1.371.998 contos (+3,6%), destes os Hiper+Super representam 61% (831.744 contos/+2,6%) e o Tradicional os restantes 39% (540.254 contos/+5,2%).

Como se pode observar destes gráficos as massas têm crescido na generalidade, em volume e em valor, mas o crescimento em valor é superior ao crescimento em volume o que poderá indicar um crescimento das margens



comerciais que é reflectido pelo aumento continuo dos preços, as empresas de massas estão a conseguir acrescentar valor ao seu produto.



# Receitas de Arroz



## Abacates Recheados

Uma entrada com arroz para dias mais frescos, eis a nossa sugestão:

### Ingredientes:

- 100 grs. de arroz Extra-Longo (Carolino ou Agulha);
- 1 cebola;
- 2 abacates;
- sumo de limão;
- 250 gramas de pedaços de frango assado ou cozido;
- 2 cenouras.

### Molho:

- 1 colher (sopa) de vinagre;
- 2 colheres (sopa) de óleo;
- 1 colher (sopa) de salsa picada;
- sal e pimenta q.b.

### Preparação:

Cortam-se os abacates ao meio, no sentido longitudinal (comprimento). Retira-se-lhes a polpa e corta-se esta em cubos. Tempera-se com sumo

de limão. Misturam-se os cubos de abacate com o arroz, os pedaços de frango desfiados, a cebola picada e as cenouras raladas. Prepara-se o molho misturando-se os ingredientes indicados. Envolve-se o recheio com o molho. Enchem-se as cavidades dos abacates com este preparado. Serve-se frio. Em alternativa, pode-se substituir o molho por maionese.

*Arroz - um alimento saudável.*



O Arroz N.º 9 - Abril/Maio/Junho 1999





# ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE ARROZ

Ao serviço da  
Indústria Arrozeira  
desde 1975

*Arroz - um alimento saudável.*